REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

FUNCIONAMENTO PROFISSIONAL PRESERVADO E DEPLEÇÃO EXTRALABORAL ENTRE FARMACÊUTICOS: LIMITES DO *BURNOUT* E PROPOSTA CONCEITUAL DA DESCONEXÃO PROFISSIONAL-PESSOAL

PRESERVED PROFESSIONAL FUNCTIONING AND EXTRAWORK DEPLETION AMONG PHARMACISTS: THE LIMITS OF BURNOUT AND A CONCEPTUAL PROPOSAL OF PROFESSIONAL-PERSONAL DISCONNECTION

FUNCIONAMIENTO PROFESIONAL PRESERVADO Y DEPLECIÓN EXTRALABORAL EN FARMACÉUTICOS: LÍMITES DEL *BURNOUT* Y PROPUESTA CONCEPTUAL DE LA DESCONEXIÓN PROFESIONAL-PERSONAL

João Fernandes Floriano
Centro Internacional de Pesquisas Integralize (CIPI), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
E-mail: joaofernandesfloriano@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-5791-029X

RESUMO

Introdução: O sofrimento ocupacional de farmacêuticos costuma ser analisado sob a ótica do *burnout*, embora as demandas do trabalho também possam comprometer a recuperação, a vida relacional e a participação social. **Objetivo:** Sintetizar evidências específicas da profissão, estabelecer fronteiras conceituais e propor a desconexão profissional-pessoal (DPP) como configuração hipotética e não diagnóstica, definida pela coexistência entre funcionamento profissional relativamente preservado e redução dos recursos extralaborais. **Método:** Revisão narrativa crítica, com busca estruturada no PubMed/MEDLINE, buscas direcionadas e rastreamento de citações, atualizada até setembro de 2026, integrando 24 estudos empíricos com farmacêuticos, uma revisão sistemática e referenciais de demandas e recursos do trabalho, conservação de recursos, autodeterminação, recuperação e conflito trabalho-família. **Resultados:** A literatura associa de forma recorrente carga de trabalho, jornadas extensas, dimensionamento insuficiente de pessoal, baixo reconhecimento e pior equilíbrio entre trabalho e vida pessoal a prejuízos na recuperação, no lazer e nas relações. A DPP foi diferenciada do *burnout*, do conflito trabalho-família, do *workaholism*, do presenteísmo, da recuperação inadequada e dos perfis latentes de *burnout*, com proposição de tipologia heurística 2×2, estratégia de mensuração com múltiplos indicadores, hipóteses testáveis e critérios hierarquizados de falseamento. **Considerações finais:** A configuração exige validação empírica e longitudinal antes de qualquer uso aplicado, especialmente no Brasil, na América Latina e no Caribe, onde as evidências ainda são escassas.
Palavras-chave: Farmacêuticos; Esgotamento profissional; Saúde do trabalhador; Equilíbrio trabalho-vida; Estresse ocupacional.

ABSTRACT

Introduction: Occupational distress among pharmacists is usually examined through burnout, although work demands may also erode recovery, relationships and social participation. **Objective:** To synthesize pharmacy-specific evidence, establish conceptual boundaries and propose professional-personal disconnection (PPD) as a hypothetical, non-diagnostic configuration, defined by relatively preserved professional functioning coexisting with reduced extrawork resources. **Method:** Critical narrative review, with structured PubMed/MEDLINE searching, targeted searches and citation chasing, updated through September 2026, integrating 24 empirical studies of pharmacists, one systematic review and frameworks on job demands-resources, conservation of resources, self-determination, recovery and work-family conflict. **Results:** The literature repeatedly links workload, long hours, inadequate staffing, low recognition and poor work-life balance with impaired recovery, leisure and relationships. PPD was differentiated from burnout, work-family conflict, workaholism, presenteeism, inadequate recovery and latent burnout profiles, and a heuristic 2×2 typology, a multi-indicator measurement strategy, testable

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

hypotheses and hierarchical falsification criteria were proposed. **Final considerations:** The configuration requires empirical and longitudinal validation before any applied use, particularly in Brazil, Latin America and the Caribbean, where evidence remains scarce.
Keywords: Pharmacists; Burnout, professional; Occupational health; Work-life balance; Occupational stress.

RESUMEN

Introducción: El malestar ocupacional de los farmacéuticos suele analizarse desde la perspectiva del *burnout*, aunque las demandas laborales también pueden comprometer la recuperación, la vida relacional y la participación social. **Objetivo:** Sintetizar la evidencia específica de la profesión, establecer fronteras conceptuales y proponer la desconexión profesional-personal (DPP) como configuración hipotética y no diagnóstica, definida por la coexistencia de un funcionamiento profesional relativamente preservado con la reducción de los recursos extralaborales. **Método:** Revisión narrativa crítica, con búsqueda estructurada en PubMed/MEDLINE, búsquedas dirigidas y rastreo de citas, actualizada hasta septiembre de 2026, que integró 24 estudios empíricos con farmacéuticos, una revisión sistemática y marcos teóricos de demandas y recursos laborales, conservación de recursos, autodeterminación, recuperación y conflicto trabajo-familia. **Resultados:** La literatura asocia de forma reiterada la carga de trabajo, las jornadas extensas, la dotación insuficiente de personal, el bajo reconocimiento y el peor equilibrio entre trabajo y vida personal con perjuicios en la recuperación, el ocio y las relaciones. La DPP se diferenció del *burnout*, del conflicto trabajo-familia, del *workaholism*, del presentismo, de la recuperación inadecuada y de los perfiles latentes de *burnout*, y se propusieron una tipología heurística 2×2, una estrategia de medición multiindicador, hipótesis contrastables y criterios jerarquizados de falsación. **Consideraciones finales:** La configuración requiere validación empírica y longitudinal antes de cualquier uso aplicado, especialmente en Brasil, América Latina y el Caribe, donde la evidencia aún es escasa.
Palabras clave: Farmacéuticos; Agotamiento profesional; Salud laboral; Equilibrio trabajo-vida; Estrés laboral.

INTRODUÇÃO

Farmacêuticos atuam na interseção entre cuidado clínico, segurança do uso de medicamentos, organização de serviços, regulação e, em muitos cenários, exigências comerciais ou de produtividade. Essa sobreposição de responsabilidades faz do bem-estar ocupacional mais do que uma questão individual de saúde mental, pois envolve a organização do trabalho, a prática profissional e as condições em que o cuidado é produzido. Uma revisão sistemática com 19 estudos e 11.306 farmacêuticos estimou prevalência agrupada de *burnout* de 51% (IC 95%: 38%-65%), ressaltando, porém, a heterogeneidade das definições e dos instrumentos de mensuração (Dee; Dhuhaibawi; Hayden, 2023).

O *burnout*, contudo, não é um termo adequado para abarcar todo o sofrimento relacionado ao trabalho. Farmacêuticos podem apresentar ansiedade, sintomas depressivos, conflito entre trabalho e vida doméstica, alterações do sono, recuperação reduzida e tensão nas relações ao lado do *burnout*, e não como componentes dele. Em estudo nacional francês, *burnout*, ansiedade e depressão foram medidos como construtos distintos e frequentemente coexistiram (Balayssac et al., 2017). Um

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

inquérito nacional nos Estados Unidos, realizado muito antes da pandemia de covid-19, verificou que cerca de 48% dos farmacêuticos relatavam conflito trabalho-casa, e proporções expressivas relatavam também estresse e sobrecarga de papéis (Mott et al., 2004).

Evidências recentes ampliam esse quadro. Profissionais de farmácias comunitárias portuguesas relataram negligência de atividades sociais, passatempos e relacionamentos em razão do trabalho, com desvantagens maiores entre as mulheres (Videira; Machado; Cavaco, 2026). Estudos qualitativos associaram o bem-estar de farmacêuticos à autonomia, à competência e ao vínculo, e mostraram que relações de trabalho negativas podem corroer o pertencimento e a conexão emocional (Walker et al., 2025). Pesquisas com farmacêuticas também evidenciaram como horários e restrições organizacionais podem conflitar com compromissos familiares (Gidman et al., 2007). Esses achados indicam que as consequências do desenho do trabalho podem ultrapassar o local de trabalho e alcançar a recuperação, as relações e a participação na vida cotidiana.

Essa perspectiva, que atravessa diferentes domínios da vida, é relevante para a saúde coletiva porque desloca a atenção da resiliência individual para a organização do trabalho, o dimensionamento de pessoal, o controle sobre a jornada, o reconhecimento e as condições em que a prática profissional se sustenta. As evidências da América Latina e do Caribe ainda são limitadas, e poucos estudos avaliam simultaneamente o funcionamento no trabalho e os recursos necessários para sustentar a vida fora dele.

Delineia-se, assim, uma pergunta mais precisa do que saber se farmacêuticos estão em *burnout*: o funcionamento profissional pode permanecer relativamente preservado enquanto os recursos que sustentam a vida pessoal, a recuperação e as relações se desgastam progressivamente? Propõe-se aqui o termo desconexão profissional-pessoal (DPP) como rótulo provisório para essa assimetria, entendida como configuração hipotética entre dois domínios já mensuráveis, e não como novo construto psicológico latente. A DPP não é apresentada como síndrome, diagnóstico ou substituta de construtos estabelecidos; seu valor científico depende de ser empiricamente distinguível do conflito trabalho-família, do *burnout*, do *workaholism*, do presenteísmo e da recuperação inadequada.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

O artigo tem três objetivos: sintetizar criticamente as evidências específicas da farmácia sobre demandas ocupacionais, *burnout*, saúde mental, transbordamento entre trabalho e vida pessoal, recuperação e relações; estabelecer as fronteiras discriminantes da DPP em relação a construtos vizinhos; e propor uma tipologia heurística 2×2, hipóteses testáveis e uma estratégia de mensuração passíveis de falseamento, com atenção às implicações para a organização do trabalho e para a saúde coletiva no Brasil, na América Latina e no Caribe.

REFERENCIAL TEÓRICO

Demandas, recursos e ciclos de perda

O modelo Demandas-Recursos do Trabalho (*Job Demands-Resources*, JD-R) explica como a carga de trabalho, a pressão temporal e o déficit de pessoal abrem vias energéticas e motivacionais para o desgaste, enquanto recursos como autonomia, dimensionamento adequado, reconhecimento e relações de apoio amortecem essas demandas (Bakker; Demerouti, 2007; Bakker; Demerouti; Sanz-Vergel, 2023). A Teoria da Conservação de Recursos acrescenta um mecanismo de ciclos de perda: tempo, energia e recursos sociais investidos no enfrentamento do trabalho podem deixar menos recursos disponíveis para a recuperação e as relações, aumentando a vulnerabilidade às demandas seguintes (Hobfoll, 1989).

Necessidades psicológicas e recuperação

A Teoria da Autodeterminação é especialmente útil porque o vínculo não deve ser tratado como consequência tardia do processo. Autonomia, competência e vínculo operam de forma transversal nos contextos do trabalho e da vida pessoal (Deci; Ryan, 2000). A teoria da recuperação oferece um mecanismo temporal paralelo. O Recovery Experience Questionnaire (REQ) distingue desligamento psicológico, relaxamento, domínio e controle durante o tempo fora do trabalho, entendidos como processos ativos de recuperação, e não como mera ausência de trabalho (Sonnentag; Fritz, 2007). O modelo esforço-recuperação propõe que as demandas geram reações de carga de curto prazo que exigem recuperação adequada; quando ela é insuficiente, os efeitos da carga se acumulam (Meijman; Mulder, 1998). Essa literatura oferece a ponte teórica ausente numa explicação restrita ao *burnout*: as mesmas horas e os

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

mesmos recursos emocionais investidos no trabalho são os recursos necessários para dormir, recuperar-se, conviver e sustentar uma identidade pessoal diversificada.

Transbordamento e cruzamento entre domínios

A literatura sobre conflito trabalho-família descreve pressões incompatíveis entre os papéis de trabalho e de família, distingue conflitos baseados em tempo, em tensão e em comportamento, e reconhece que a interferência pode atuar nas duas direções (Greenhaus; Beutell, 1985; Netemeyer; Boles; McMurrian, 1996). A teoria do cruzamento (*crossover*) acrescenta que o desgaste pode ser transmitido de um indivíduo a outro, tipicamente entre parceiros que dividem a mesma casa (Westman, 2001). Se as demandas ocupacionais corroem a disponibilidade emocional do farmacêutico em casa, as consequências não se restringem a ele e podem ser percebidas primeiro pelo cônjuge, pelos filhos ou por amigos próximos.

Isso tem duas implicações para o teste da DPP. Dados diádicos ou relatados por informantes tenderiam a detectar uma depleção extralaboral que o autorrelato subestima, sobretudo entre profissionais que continuam a descrever o trabalho como satisfatório. Além disso, parte dos desfechos da DPP deve ser buscada fora do indivíduo, algo que nenhum dos estudos com farmacêuticos aqui considerados tentou fazer.

Uma nota terminológica é necessária. As expressões trabalho-casa, trabalho-família, trabalho-vida e trabalho-não trabalho designam recortes relacionados, mas não intercambiáveis: as duas primeiras restringem-se ao lar e aos papéis familiares; trabalho-vida refere-se, de modo genérico, ao equilíbrio percebido entre os domínios; e trabalho-não trabalho abrange, além da família, tempo pessoal, saúde, lazer, educação e participação social (Fisher; Bulger; Smith, 2009). Neste artigo, trabalho-não trabalho é o termo geral; os demais são mantidos apenas quando correspondem ao recorte adotado pelos estudos citados.

METODOLOGIA

Trata-se de revisão narrativa crítica, com processo estruturado de identificação de evidências e componente explícito de desenvolvimento conceitual. O delineamento

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

foi escolhido porque a contribuição principal é a construção teórica e a diferenciação de construtos, e não o mapeamento exaustivo das evidências. Por isso, o manuscrito não reivindica conformidade com o PRISMA-ScR, não apresenta fluxograma PRISMA e não declara triagem independente em duplicidade nem protocolo prévio de revisão de escopo. O relato foi orientado pela Scale for the Assessment of Narrative Review Articles (SANRA) em seus seis domínios: justificativa da importância do artigo, enunciação de objetivos concretos, descrição da busca na literatura, referenciação, raciocínio científico e apresentação adequada das evidências e dos dados (Baethge; Goldbeck-Wood; Mertens, 2019).

A identificação das evidências combinou busca estruturada no PubMed/MEDLINE, buscas direcionadas complementares e rastreamento de citações para trás e para frente. Os conceitos de busca incluíram *pharmacist**, *burnout*, exaustão emocional, estresse ocupacional, ansiedade, depressão, sofrimento psíquico, equilíbrio trabalho-vida, conflito trabalho-casa, conflito trabalho-família, recuperação, sono, isolamento social, solidão, relações, pertencimento, vínculo, identidade profissional, *workaholism*, presenteísmo e empregabilidade sustentável. Priorizaram-se estudos empíricos revisados por pares com farmacêuticos em exercício e artigos teóricos ou psicométricos seminais necessários para estabelecer as fronteiras dos construtos. A literatura cinzenta não foi incluída na síntese central, pois o objetivo era a integração conceitual de evidências revisadas por pares, e não o mapeamento exaustivo. As buscas foram atualizadas até 13 de setembro de 2026, sem restrição de idioma no plano conceitual; fontes em inglês e português foram incluídas quando diretamente pertinentes. O Material Suplementar 1 documenta os conceitos de busca, a data da última atualização, os critérios de elegibilidade e a lista dos estudos incluídos. A expressão de busca exata, a data da busca inicial, as plataformas e expressões das buscas complementares e os quantitativos de registros recuperados não foram preservados de forma auditável e, por isso, são declarados como não registrados, em vez de reconstruídos retrospectivamente.

A seleção dos estudos foi intencional, e não exaustiva. Estudos específicos da farmácia foram mantidos quando informavam diretamente ao menos um de quatro domínios: demandas ocupacionais e *burnout*; saúde mental; transbordamento entre trabalho e vida pessoal ou familiar; e recuperação e recursos socio-relacionais. Por

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

não se tratar de revisão sistemática, a avaliação formal de risco de viés pelos instrumentos do Joanna Briggs Institute (JBI) não foi usada como critério de inclusão. As limitações metodológicas, sobretudo desenho transversal, autosseleção, baixas taxas de resposta e heterogeneidade das definições de *burnout*, foram consideradas narrativamente na interpretação dos achados. A síntese conceitual foi, então, confrontada com os referenciais de demandas e recursos, conservação de recursos, autodeterminação, conflito e transbordamento trabalho-família, esforço-recuperação, desequilíbrio esforço-recompensa, *workaholism*, presenteísmo e empregabilidade sustentável (Bakker; Demerouti, 2007; Deci; Ryan, 2000; Greenhaus; Beutell, 1985; Hobfoll, 1989; Johns, 2010; Meijman; Mulder, 1998; Schaufeli; Shimazu; Taris, 2009; Siegrist, 1996; Van der Klink et al., 2016).

O uso do SANRA assegura a qualidade do relato, mas não elimina o risco de viés de seleção inerente a uma revisão intencional conduzida pelo mesmo autor que propõe o conceito, dada a tendência de privilegiar evidências compatíveis com a hipótese. Para mitigá-lo, os estudos incluídos e os referenciais concorrentes foram reexaminados de forma dirigida à procura de achados incompatíveis com a proposta ou mais bem explicados por construtos existentes, como o comprometimento simultâneo dos dois domínios, o *burnout* na presença de recursos extralaborais preservados e o enriquecimento entre trabalho e vida pessoal. Esses achados são discutidos em subseção específica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados são apresentados em duas etapas: primeiro, a síntese das evidências específicas da farmácia, incluindo as evidências potencialmente contrárias à proposta; em seguida, o desenvolvimento conceitual da DPP, com seu estatuto de configuração hipotética, suas fronteiras discriminantes, o modelo integrativo, a tipologia heurística, as hipóteses de validação e os critérios de falseamento. O Quadro 1 resume os 24 estudos centrais que fundamentam a síntese e a principal limitação de cada um.

Burnout e demandas ocupacionais

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

O *burnout* é frequente nos diversos cenários da farmácia, mas as estimativas de prevalência não são diretamente intercambiáveis, pois os estudos empregam instrumentos, pontos de corte e definições diferentes. A estimativa agrupada de 51% foi derivada de medidas validadas heterogêneas (Dee; Dhuhaibawi; Hayden, 2023). Jones et al. (2017) descreveram *burnout* entre farmacêuticos clínicos hospitalares norte-americanos com base no referencial de Maslach, enquanto Fadare, Andreski e Witry (2021) validaram o Copenhagen Burnout Inventory (CBI) em farmacêuticos. Weichel, Lee e Lee (2021) verificaram que a insatisfação com o equilíbrio trabalho-vida permaneceu independentemente associada ao *burnout* após ajuste (razão de chances [OR] 2,62; intervalo de confiança [IC] de 95%: 1,33-5,18), assim como a sensação de não ser valorizado (OR 2,60; IC 95%: 1,17-5,78). Estudos em farmácia comunitária apontam, de modo semelhante, carga de trabalho, atuação em redes, dimensionamento de pessoal e menor experiência profissional como fatores associados (Nadi et al., 2026; Patel et al., 2021; Worley; Wu; Cernasev, 2026).

Ansiedade, depressão e sofrimento psíquico

O *burnout* não deve ser confundido com ansiedade ou depressão. No estudo francês BOP, ansiedade e depressão foram medidas separadamente do *burnout* e se associaram ao *burnout* grave (Balayssac et al., 2017). No Catar, farmacêuticos comunitários avaliados durante a pandemia apresentaram níveis clinicamente relevantes de depressão, ansiedade e estresse na Depression, Anxiety and Stress Scale-21 (DASS-21), ao lado de medidas de *burnout* e resiliência (AlKudsi et al., 2022). Farmacêuticos hospitalares japoneses também apresentaram sofrimento psíquico e *burnout* expressivos, e os anos de experiência mostraram associações potencialmente protetoras em análises transversais (Higuchi et al., 2016). Esses estudos sustentam a sobreposição entre desfechos ocupacionais e de saúde mental, mas seu desenho transversal não permite estabelecer direção temporal.

Transbordamento trabalho-vida, recuperação e relações

As evidências mais fortes para o problema aqui proposto vêm dos estudos sobre conflito trabalho-casa, recuperação e desfechos relacionais. Mott et al. (2004) relataram conflito trabalho-casa expressivo numa amostra nacional de farmacêuticos

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

norte-americanos. Gubbins et al. (2015) mostraram que a carga e o desafio do trabalho se entrecruzavam com necessidades de compromisso familiar numa amostra com longa experiência profissional média. Soleimani et al. (2024) relacionaram o contexto trabalho-vida de farmacêuticos ao sono, à atividade física e à saúde geral. Weichel, Lee e Lee (2021) identificaram o tempo longe do trabalho, as interações sociais e as atividades ou exercícios fora do trabalho como fatores protetores frequentemente relatados. Chee et al. (2023) examinaram diretamente a realização profissional e pessoal de farmacêuticos em início de carreira e destacaram relações de apoio, autocuidado e metas pessoais. Videira, Machado e Cavaco (2026) relataram que a vida pessoal podia ser negligenciada por causa do trabalho, com consequências para atividades sociais, passatempos e relacionamentos.

Gênero e contexto familiar

O gênero não é variável periférica nessa literatura. As mulheres constituem grande parte da força de trabalho farmacêutica, e o desgaste entre trabalho e vida pessoal pode ser moldado pela divisão desigual das responsabilidades domésticas, pela flexibilidade de horários e pela progressão na carreira. Gidman et al. (2007) constataram que as condições de trabalho na farmácia comunitária podiam ser de difícil conciliação com os compromissos familiares para muitas farmacêuticas. Em Portugal, as mulheres relataram satisfação significativamente menor em diversas dimensões do equilíbrio trabalho-vida e da carreira, apesar de proporções semelhantes de satisfação global, e os autores enfatizaram a sobrecarga de responsabilidades domésticas (Videira; Machado; Cavaco, 2026). O gênero deve, portanto, ser tratado como potencial modificador de efeito, e não apenas como covariável demográfica.

Evidências do Brasil, da América Latina e do Caribe

As evidências do Brasil, da América Latina e do Caribe são escassas, mas não inexistentes. Pesquisa com farmacêuticos hospitalares brasileiros documentou dimensões do *burnout* e associações com carga horária, remuneração, variáveis familiares e satisfação no trabalho, e uma análise transversal comparativa mostrou prevalência de *burnout* de 68,8% em 2022, ante 44,0% num levantamento anterior,

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

de 2011, com amostras distintas (n = 174 e n = 237), o que não caracteriza acompanhamento dos mesmos participantes (Moraes; Novaes; Mosca, 2024). Estudo de 2026 em Porto Rico encontrou estresse moderado e *burnout* moderado a alto entre farmacêuticos comunitários, com mais estresse entre as mulheres e mais estresse e *burnout* entre os profissionais de redes (Silva-Suarez et al., 2026). Esses achados conferem plausibilidade regional, mas permanecem concentrados no *burnout* e ainda não testam a combinação central da DPP: funcionamento profissional preservado ao lado de deterioração da recuperação, da participação social, das relações ou da integração da vida pessoal. Para a saúde coletiva, essa lacuna importa porque deixa apenas parcialmente visíveis a organização do trabalho e suas consequências fora do local de trabalho.

No plano regulatório, a Portaria MTE nº 1.419/2024 alterou o capítulo 1.5 da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1), relativo ao Gerenciamento de Riscos Ocupacionais (GRO), que passou a explicitar a consideração dos fatores de risco psicossociais relacionados ao trabalho na identificação de perigos e na avaliação de riscos. Após prorrogação, a nova redação entrou em vigor em 26 de maio de 2026, acompanhada de manual oficial de interpretação e aplicação (Brasil, 2024, 2025, 2026). Por se referir a fatores de risco da organização do trabalho, e não ao diagnóstico individual, esse marco é compatível com a proposta de observar configurações de funcionamento e recuperação antes da ocorrência de adoecimento. As implicações da norma para farmácias comunitárias brasileiras foram discutidas em outro trabalho (Floriano, 2026).

Quadro 1 – Estudos centrais com farmacêuticos que fundamentam a síntese conceitual

Estudo	Cenário	Delineamento /amostra	Construtos	Contribuição	Principal limitação
Mott et al. (2004)	EUA; nacional	Transversal; n=1.737	Estresse, sobrecarga de papéis, conflito trabalho-casa	Conflito trabalho-casa expressivo, apesar de satisfação concomitante com o trabalho	Dados de 2004, anteriores às transformações recentes da prática; autorrelato

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

Estudo	Cenário	Delineamento /amostra	Construtos	Contribuição	Principal limitação
Gidman et al. (2007)	Reino Unido; comunitária	Qualitativo; n=30 mulheres	Padrões de trabalho, compatibilidade com a família	Horários antissociais e restrições organizacionais dificultavam a conciliação familiar	Qualitativo; restrito a mulheres acima de 30 anos
Gubbins et al. (2015)	EUA	Transversal; n=363	Compromisso familiar, carga de trabalho, estresse	Carga e desafio entrecruzados com necessidades de apoio familiar	Transversal; autorrelato; sem medida de desempenho
Higuchi et al. (2016)	Japão; hospitalar	Transversal; n=380	GHQ-12, *burnout*	Sofrimento psíquico e *burnout*; experiência com associações potencialmente protetoras	Transversal; restrito ao cenário hospitalar
Balayssac et al. (2017)	França; comunitária	Transversal; n=1.322	MBI, ansiedade, depressão	*Burnout* coexistiu com ansiedade e depressão; viés de seleção limita a inferência de prevalência	Autosseleção limita a estimativa de prevalência
Jones et al. (2017)	EUA; clínica hospitalar	Transversal; n=974	MBI, estressores do trabalho	Alta carga de *burnout*; carga de trabalho, tempo e valorização salientes	Inquérito piloto; restrito à farmácia clínica hospitalar
Patel et al. (2021)	EUA; comunitária	Transversal; n=411	MBI-HSS	*Burnout* em ≥1 subescala: 74,9%; menor experiência e atuação em rede associadas	Transversal; autorrelato; um único país
Fadare, Andreski e Witry (2021)	EUA (Iowa); múltiplos cenários	Transversal; n=561	CBI	CBI validado; pior integração trabalho-vida na farmácia comunitária	Estudo psicométrico; amostra de um único estado
Weichel, Lee e Lee (2021)	Canadá; hospitalar	Transversal; n=270	MBI, equilíbrio trabalho-vida	Insatisfação com o equilíbrio trabalho-vida: OR 2,62 (IC 95%: 1,33-5,18) para *burnout*	Transversal; amostra modesta e hospitalar
Johnston et al. (2021)	Austrália; misto	Transversal	MBI, variáveis psicossociais e de trabalho	Carga, horas extras e incivilidade de pacientes na pandemia aumentaram o desgaste	Transversal; período pandêmico limita a generalização
AlKudsi et al. (2022)	Catar; comunitária	Transversal	MBI-HSS, DASS-21, resiliência	*Burnout*, depressão, ansiedade e estresse distintos, mas coocorrentes	Transversal; período pandêmico
Mohammed et al. (2022)	Catar; comunitária	Qualitativo	Modelo Demandas-Recursos do Trabalho	Demandas organizacionais e emocionais interagiram com recursos pessoais e organizacionais	Qualitativo; período pandêmico

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

Estudo	Cenário	Delineamento /amostra	Construtos	Contribuição	Principal limitação
Langran et al. (2022)	Reino Unido; múltiplos cenários	Métodos mistos; n=199	*Burnout*, resiliência, enfrentamento	Bem-estar inversamente relacionado ao *burnout*; apoio organizacional relevante	Amostra modesta; período pandêmico
Chee et al. (2023)	Malásia; início de carreira	Inquérito qualitativo	Estresse e realização profissional e pessoal	Relações, autocuidado, lazer e metas pessoais importaram para a realização	Respostas qualitativas de inquérito; restrito ao início de carreira
Lynch e O'Leary (2023)	Irlanda; comunitária	Qualitativo; n=23	Retenção, bem-estar	Condições de trabalho, realização e saúde influenciaram a permanência	Qualitativo; n=23
Ooi et al. (2023)	Malásia; comunitária	Transversal; n=311	Retenção, equilíbrio trabalho-vida, valorização e confiança	Equilíbrio trabalho-vida e valorização fortemente relacionados à retenção	Transversal; foco em retenção, sem medida de recuperação
Soleimani et al. (2024)	Irã; comunitária e hospitalar	Transversal; n=136	Sono, atividade física, GHQ	Jornadas mais longas associadas a menor atividade física; sono e saúde ruins frequentes	Transversal; amostra modesta
Moraes, Novaes e Mosca (2024)	Brasil; hospitalar	Transversal comparativo	Dimensões do MBI	*Burnout* aumentou após a pandemia; carga, remuneração e satisfação associadas	Comparação entre amostras distintas, não longitudinal
Walker et al. (2025)	EUA; comunitária	Qualitativo; n=20	Teoria da Autodeterminação	Autonomia, competência e vínculo moldaram motivação e bem-estar	Qualitativo; n=20
Assefa et al. (2025)	Etiópia; comunitária	Transversal; n=178	Qualidade de vida no trabalho	Condições de trabalho e trabalhar sozinho relacionados a pior qualidade de vida no trabalho	Transversal; contexto regional específico
Videira, Machado e Cavaco (2026)	Portugal; comunitária	Transversal; n=384	Equilíbrio trabalho-vida, equidade de gênero	Negligência da vida pessoal afetou atividades sociais, passatempos e relações	Transversal; autorrelato
Worley, Wu e Cernasev (2026)	EUA; comunitária	Transversal e qualitativo; n=202	ProQOL	Carga e dimensionamento relacionados ao *burnout*; vínculos com pacientes sustentaram a satisfação por compaixão	ProQOL não comparável diretamente a MBI ou CBI
Silva-Suarez et al. (2026)	Porto Rico; comunitária	Transversal; n=193	PSS-10, OLBI	Mulheres e farmacêuticos de redes relataram maior desgaste	Transversal; período pandêmico

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

Estudo	Cenário	Delineamento /amostra	Construtos	Contribuição	Principal limitação
Nadi et al. (2026)	EUA; redes e varejo de massa	Transversal nacional	Sistema de trabalho, *burnout*, rotatividade	Autonomia, dimensionamento e ser ouvido ligados a desfechos trabalho-vida	Transversal; restrito a redes e varejo de massa

Siglas: CBI – Copenhagen Burnout Inventory; DASS-21 – Depression, Anxiety and Stress Scale-21; GHQ – General Health Questionnaire; IC – intervalo de confiança; MBI – Maslach Burnout Inventory; MBI-HSS – Maslach Burnout Inventory-Human Services Survey; OLBI – Oldenburg Burnout Inventory; OR – razão de chances; ProQOL – Professional Quality of Life Scale; PSS-10 – Perceived Stress Scale-10.
Fonte: elaborado pelo autor com base nos estudos citados (2026).

O Quadro 1 evidencia três padrões. O primeiro é a predominância de estudos transversais, realizados sobretudo em farmácias comunitárias e hospitalares de países de alta renda, com participação da América Latina e do Caribe restrita a dois estudos (Brasil e Porto Rico). O segundo é a heterogeneidade dos instrumentos de *burnout* (MBI, CBI, OLBI e ProQOL), que impede comparar prevalências diretamente. O terceiro é a presença recorrente de desfechos que ultrapassam o trabalho, como conciliação familiar, lazer, sono, relações e realização pessoal, justamente o domínio que as medidas de *burnout* não capturam e que fundamenta a proposição da DPP.

Evidências potencialmente contrárias à DPP

O reexame dirigido da literatura identificou quatro conjuntos de achados que desafiam a proposta ou admitem explicação por construtos existentes. O primeiro é a coocorrência. Nos estudos que mediram simultaneamente *burnout* e saúde mental, os desfechos tenderam a agregar-se, e não a dissociar-se: *burnout*, ansiedade e depressão coexistiram na França e no Catar (Balayssac et al., 2017; AlKudsi et al., 2022), e o bem-estar variou inversamente ao *burnout* no Reino Unido (Langran et al., 2022). Se o padrão predominante for de comprometimento conjunto dos domínios, a configuração assimétrica pode ser rara ou transitória, o que é compatível com a hipótese de estado de transição, mas também com a de irrelevância prática.

O segundo conjunto indica que o comprometimento do polo profissional não é incomum. Em farmácias comunitárias norte-americanas, 74,9% dos participantes apresentaram *burnout* em ao menos uma subescala do MBI-HSS, o que pode incluir a de realização profissional (Patel et al., 2021); parte relevante desses profissionais

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

estaria, por definição, fora da DPP. O terceiro refere-se aos recursos extralaborais como proteção, e não apenas como perda: tempo longe do trabalho, interações sociais e atividades fora dele figuraram entre os fatores protetores relatados por farmacêuticos hospitalares (Weichel; Lee; Lee, 2021), o que é compatível com a coexistência de *burnout* e recursos extralaborais preservados, cenário que corresponde ao quadrante de comprometimento laboral localizado da tipologia proposta.

O quarto conjunto é teórico. A literatura sobre enriquecimento trabalho-família (Greenhaus; Powell, 2006) e as medidas que incluem enriquecimento trabalho-não trabalho (Fisher; Bulger; Smith, 2009) mostram que o trabalho também pode gerar recursos para a vida pessoal; entre farmacêuticos comunitários, os vínculos com pacientes sustentaram a satisfação por compaixão (Worley; Wu; Cernasev, 2026). A DPP precisa, portanto, ser testada contra a possibilidade de que o investimento profissional elevado seja, para parte dos profissionais, fonte de recursos, e não de depleção. Em conjunto, esses achados não refutam a proposta, mas reforçam que sua plausibilidade é empírica, e não definicional, e informam as hipóteses formuladas adiante.

Estatuto conceitual: configuração, e não construto latente

Nesta revisão, a DPP é proposta como configuração hipotética, e não como construto psicológico latente. Denomina-se DPP o perfil em que o funcionamento profissional permanece relativamente preservado enquanto os recursos extralaborais (recuperação, relações, participação social, lazer e identidade fora do trabalho) se encontram reduzidos. Nenhum desses componentes isoladamente constitui DPP; a proposta refere-se à combinação entre eles. Por isso, sua identificação empírica deve basear-se em instrumentos independentes, já validados para cada domínio, e em métodos centrados na pessoa, sem a criação de uma escala unitária de DPP. A conversão da configuração em construto autônomo somente seria defensável se estudos futuros demonstrassem, de forma cumulativa, existência replicável, validade discriminante, validade incremental e validade externa, evitando-se a proliferação de construtos empiricamente redundantes (Le et al., 2010).

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

Os recursos extralaborais são tratados como domínio composto e multidimensional, e não como fator latente único. Recuperação, qualidade das relações, participação social, lazer e identidade fora do trabalho podem deteriorar-se de forma independente: um profissional pode preservar relações familiares satisfatórias e abandonar o lazer e a atividade física, enquanto outro mantém passatempos com baixo desligamento psicológico do trabalho. Não há razão a priori para supor que esses indicadores sejam manifestações intercambiáveis de uma mesma variável latente, o que sugere, ao menos em parte, um modelo de mensuração formativo (Jarvis; Mackenzie; Podsakoff, 2003). Estudos de validação deverão testar se existe fator comum, se há subdomínios correlacionados ou se a configuração resulta da combinação de dimensões independentes.

Funcionamento profissional relativamente preservado e esforço compensatório

Funcionamento profissional relativamente preservado não equivale a produtividade. Um farmacêutico pode manter alta produtividade com aumento da frequência de erros, sentir-se capaz de trabalhar apesar de queda objetiva de desempenho ou sustentar a qualidade clínica apenas mediante horas adicionais e esforço extremo. Recomenda-se, por isso, operacionalizar esse domínio por múltiplos indicadores: capacidade para o trabalho, desempenho no papel, avaliação externa quando possível, erros e indicadores de segurança, absenteísmo, presenteísmo e esforço necessário para manter o desempenho.

Este último indicador é central para a hipótese. Segundo o modelo de controle compensatório, o desempenho sob alta demanda pode ser protegido pelo recrutamento de esforço adicional, com custos que se manifestam em outros sistemas (Hockey, 1997), o que complementa o modelo esforço-recuperação (Meijman; Mulder, 1998). Distinguem-se, assim, três estados: funcionamento sustentável, em que o desempenho é mantido com esforço habitual; funcionamento compensado, em que o desempenho é mantido à custa de esforço crescente, com transferência de custos para a recuperação e a vida extralaboral; e deterioração funcional. A DPP corresponde, teoricamente, ao funcionamento compensado.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

Por que a DPP não é outro nome para o *burnout*

A contribuição conceitual da DPP depende de validade discriminante e incremental. A configuração proposta é intencionalmente mais estreita que o sofrimento geral e mais ampla que um escore isolado de conflito trabalho-família: refere-se a uma assimetria entre domínios, em que o funcionamento profissional permanece relativamente preservado enquanto os recursos fora do trabalho (recuperação, participação social, relações, lazer ou diversificação da identidade) se reduzem de forma persistente.

Cabe, contudo, distinguir novidade definicional de distinção empírica. O fato de a DPP exigir, por definição, a coexistência de funcionamento preservado e depleção extralaboral não demonstra que ela seja empiricamente distinguível de construtos existentes; é plausível que corresponda simplesmente à combinação de alta interferência trabalho-não trabalho, baixa recuperação e desempenho ainda preservado. A questão prioritária, portanto, não é se a DPP existe por ter sido definida de modo distinto, mas se a identificação dessa configuração acrescenta informação relevante (Hunsley; Meyer, 2003). A proposta só se justifica se a configuração predisser, longitudinalmente, deterioração da saúde mental, queda de desempenho, rotatividade, incapacidade laboral e redução da satisfação com a vida além do que já é explicado por *burnout*, interferência trabalho-não trabalho e recuperação.

O teste concorrente mais exigente diz respeito aos estudos centrados na pessoa sobre o próprio *burnout*. Leiter e Maslach (2016) aplicaram análise de perfis latentes a dados do Maslach Burnout Inventory (MBI) e identificaram cinco perfis ao longo do contínuo *burnout*-engajamento: *burnout*, engajamento, sobrecarregado (*overextended*, com exaustão elevada isolada), desengajado (cinismo elevado isolado) e ineficaz (ineficácia elevada isolada). Moeller et al. (2018) aplicaram a mesma abordagem a uma amostra representativa da força de trabalho dos Estados Unidos e verificaram que engajamento e *burnout* elevados coexistiam em quase um quinto dos trabalhadores, que relatavam emoções fortemente ambivalentes e maior intenção de deixar a organização. O perfil sobrecarregado é o vizinho existente mais próximo da DPP, pois descreve um trabalhador exausto cuja eficácia profissional permanece preservada.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

A diferença está no eixo sobre o qual o perfil é construído. Todos os perfis dessa tradição derivam exclusivamente de indicadores internos ao trabalho (exaustão, cinismo, eficácia e engajamento) e descrevem, portanto, apenas configurações do polo profissional. Nenhum incorpora recuperação, participação social, relações ou integração da vida pessoal. A DPP acrescenta esse segundo eixo, e é isso que a torna testável, e não apenas renomeada: se uma análise de perfis latentes que inclua indicadores extralaborais não produzir separação além dos perfis já obtidos com indicadores intralaborais, a DPP é redundante em relação ao perfil sobrecarregado e deve ser descartada. Esse confronto é formalizado na hipótese H1 (Quadro 3).

Em relação ao conflito trabalho-família, a DPP se sobrepõe à interferência do trabalho na família, mas não se restringe aos papéis familiares: abrange também a recuperação, as amizades, os passatempos, a participação social e a identidade fora do trabalho. Além disso, exige explicitamente a preservação relativa do polo profissional enquanto os recursos extralaborais diminuem. Se o teste empírico mostrar que a DPP não acrescenta informação às medidas consolidadas de conflito trabalho-família, a nova denominação deve ser abandonada.

Uma versão mais forte dessa objeção merece resposta direta, pois já existem instrumentos que ultrapassam o papel familiar. A medida de interferência e enriquecimento trabalho-não trabalho desenvolvida por Fisher, Bulger e Smith (2009) abrange explicitamente tempo pessoal, saúde e educação, além da família, e o Survey Work-Home Interaction-Nijmegen (SWING) distingue a direção e a qualidade da influência entre os domínios do trabalho e do lar (Geurts et al., 2005). A DPP precisa, portanto, ser diferenciada também desses instrumentos mais amplos. A distinção não se apoia na cobertura de domínios, mas numa conjunção: as medidas de interferência quantificam o quanto o trabalho invade a vida fora dele, ao passo que a DPP exige que essa invasão coexista com funcionamento profissional relativamente preservado. Um farmacêutico com alta interferência trabalho-não trabalho e desempenho em deterioração não se enquadra no perfil da DPP. Se um escore de interferência, sem a condição de funcionamento profissional, predisser igualmente bem os mesmos desfechos, a condição adicional é redundante e a proposta falha.

Quanto ao *burnout*, trata-se de fenômeno ocupacional cuja definição depende do modelo adotado. No referencial tridimensional associado ao MBI, envolve

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

exaustão, distanciamento ou cinismo e redução da eficácia profissional; o CBI e o OLBI, contudo, não incluem dimensão de eficácia equivalente, e o ProQOL o operacionaliza como componente da qualidade de vida profissional. A DPP pode coexistir com o *burnout*, mas não depende dele. Um farmacêutico pode manter capacidade para o trabalho e engajamento e, ainda assim, relatar baixo desligamento, forte interferência do trabalho na vida pessoal e redução dos recursos sociais ou de lazer; inversamente, um profissional em *burnout* pode contar com apoio extralaboral substancial. A fronteira entre os dois não pode, portanto, depender de uma tradição instrumental específica. A distinção aqui proposta é conceitual e funcional: a DPP não se define pela ausência de uma subescala do MBI, mas pela preservação relativa do funcionamento profissional, aferida por indicadores independentes do instrumento de *burnout* empregado. Quando o modelo avaliado inclui a eficácia profissional, espera-se que a DPP seja compatível com exaustão e distanciamento, mas não com eficácia claramente reduzida, o que constitui previsão testável; quando não a inclui, a comparação deve recorrer às medidas independentes de funcionamento. Por essa razão, o termo *burnout* é empregado neste artigo acompanhado, sempre que pertinente, do modelo ou instrumento correspondente.

O *workaholism* caracteriza-se pelo trabalho excessivo e compulsivo, e a Dutch Work Addiction Scale (DUWAS) foi desenvolvida justamente para distingui-lo do engajamento e do *burnout* (Schaufeli; Shimazu; Taris, 2009). A teoria do desequilíbrio esforço-recompensa inclui, de modo semelhante, o sobrecomprometimento intrínseco como via para o estresse sob baixa recompensa (Siegrist, 1996). A DPP não pressupõe trabalho compulsivo nem dependência motivacional: concentra-se no padrão de consequências entre domínios, seja o alto investimento profissional voluntário, compulsivo, economicamente necessário ou estruturalmente imposto. O presenteísmo, por sua vez, refere-se a trabalhar doente e depende, portanto, de adoecimento (Johns, 2010); a DPP não depende e pode ocorrer antes de qualquer doença diagnosticável. Já a empregabilidade sustentável indaga se os trabalhadores conservam capacidades e oportunidades para continuar exercendo trabalho valioso ao longo do tempo (Van der Klink et al., 2016). Nessa chave, a DPP pode ser entendida como sinal de alerta de uma alocação insustentável de recursos entre

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

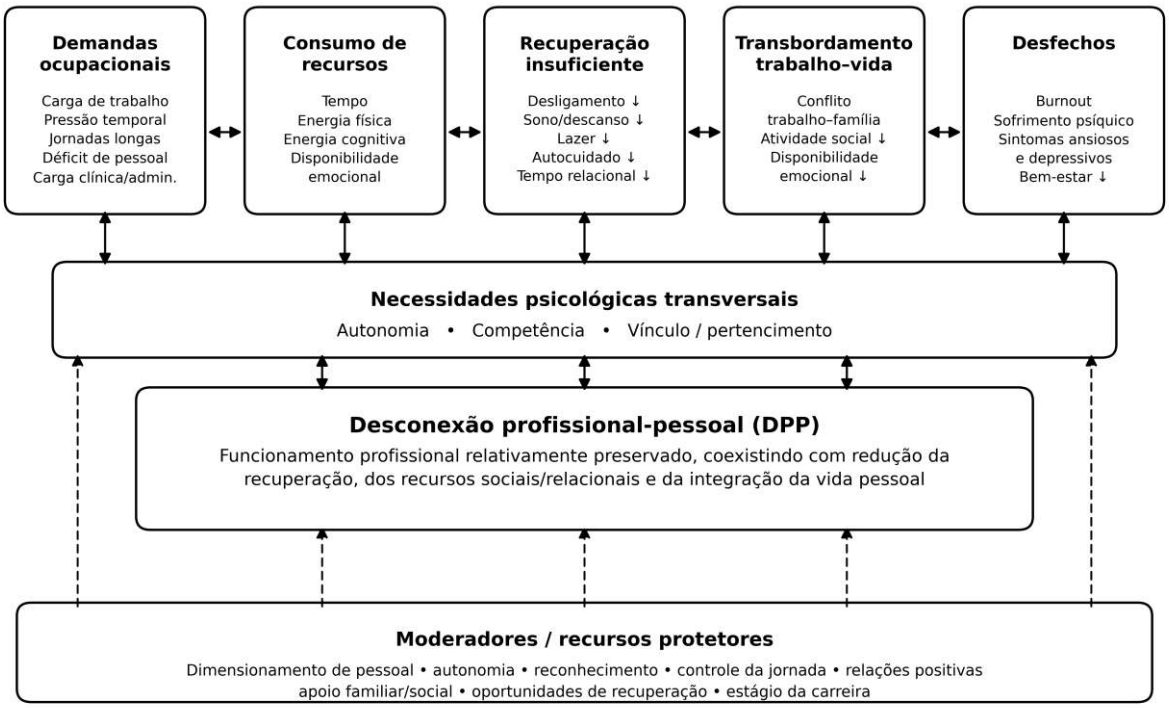
Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

domínios, mesmo quando a capacidade imediata de trabalho permanece relativamente preservada.

Modelo conceitual

A Figura 1 integra cinco correntes de evidência. Demandas ocupacionais persistentes consomem tempo e recursos cognitivos e emocionais; a recuperação insuficiente limita o desligamento e a restauração; o transbordamento entre trabalho e vida reduz os recursos relacionais e da vida pessoal; as necessidades psicológicas de autonomia, competência e vínculo operam ao longo dessas vias; e o *burnout* ou os sintomas de saúde mental podem emergir como desfechos sobrepostos. As setas são intencionalmente bidirecionais, porque a literatura disponível sobre farmacêuticos é predominantemente transversal.

Figura 1 – Modelo integrativo da desconexão profissional-pessoal (DPP) em farmacêuticos



Setas sólidas bidirecionais: associações recíprocas. Setas tracejadas: moderação.

Nota: a DPP é apresentada como configuração hipotética. Setas sólidas bidirecionais indicam associações recíprocas, e não sequência causal validada; setas tracejadas indicam moderação, que pode atuar em várias vias, e não em uma única etapa. A trajetória integração sustentável → DPP → desgaste global é hipótese a ser testada longitudinalmente (H4, Quadro 3).

Fonte: elaborada pelo autor (2026).

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

A leitura da Figura 1 deve partir da faixa central. As necessidades psicológicas não constituem uma etapa da sequência, mas uma camada que atravessa todas as demais; e a DPP não aparece como desfecho final, e sim como configuração que pode emergir ao longo das vias. O ponto a observar é que os moderadores, representados na base, incidem tanto sobre as necessidades psicológicas quanto sobre a própria DPP, o que indica que intervenções organizacionais podem atuar em mais de um nível.

Fronteiras discriminantes

O Quadro 2 sintetiza as fronteiras discriminantes propostas entre a DPP e os construtos vizinhos, especificando, para cada um, se os domínios profissional e extralaboral são traços definidores e quais instrumentos costumam ser utilizados.

Quadro 2 – Fronteiras discriminantes propostas entre a DPP e construtos vizinhos

Construto ou configuração	Traço definidor	Funcionamento profissional	Domínio extralaboral	Mensuração típica
DPP	Configuração hipotética entre domínios: funcionamento no trabalho relativamente preservado, com redução dos recursos e da integração extralaborais	Requerido	Requerido	Combinação de instrumentos independentes por domínio e métodos centrados na pessoa; sem escala própria
Burnout	Exaustão e distanciamento ou cinismo; redução da eficácia apenas nos modelos que a incluem	Pode estar preservado ou reduzido; a eficácia integra o construto apenas no MBI	Não definidor	MBI (três dimensões); CBI e OLBI (sem dimensão de eficácia); ProQOL
Conflito trabalho-família	Incompatibilidade entre os papéis de trabalho e de família	Não definidor	Interferência no papel familiar	Escalas de Netemeyer; SWING e medidas de interferência trabalho-não trabalho
Workaholism	Trabalho excessivo e compulsivo	Frequentemente alta produção, mas desadaptativa	Pode estar reduzido	DUWAS
Presenteísmo	Trabalhar doente	Presença mantida apesar do adoecimento	Não definidor	Escalas de presenteísmo
Recuperação inadequada	Falha em desligar-se e restaurar-se após o trabalho	Não definidor	Recuperação especificamente reduzida	REQ

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

Construto ou configuração	Traço definidor	Funcionamento profissional	Domínio extralaboral	Mensuração típica
Empregabilidade sustentável	Capacidade e oportunidade de longo prazo para continuar exercendo trabalho valioso	Central	Contexto mais amplo de capacidades	Abordagens de capacidade para o trabalho
Perfil de *burnout* sobrecarregado	Exaustão elevada com cinismo e ineficácia baixos	Eficácia preservada	Não avaliado	MBI com análise de perfis latentes

Siglas: DPP – desconexão profissional-pessoal; DUWAS – Dutch Work Addiction Scale; REQ – Recovery Experience Questionnaire; SWING – Survey Work-Home Interaction-Nijmegen; demais siglas conforme o Quadro 1.
Fonte: elaborado pelo autor (2026).

O Quadro 2 deve ser lido a partir das duas colunas centrais. A DPP é a única entrada em que o funcionamento profissional e o domínio extralaboral são, ambos, requisitos definidores; nas demais, ao menos um desses domínios é não definidor ou não avaliado. Essa exigência conjunta, e não a cobertura isolada de um domínio, fundamenta a pretensão de validade discriminante, mas estabelece apenas uma distinção definicional: a distinção empírica depende dos testes formulados adiante.

Tipologia 2×2

A forma mais direta de tornar a DPP testável é cruzar o funcionamento profissional com a preservação dos recursos extralaborais (Figura 2). O quadrante da DPP define-se pelo funcionamento profissional relativamente preservado associado à redução dos recursos extralaborais. Ele é conceitualmente distinto da integração sustentável (ambos preservados) e do desgaste global (ambos comprometidos). O quarto quadrante representa um comprometimento laboral mais localizado, com recursos extralaborais relativamente preservados.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

Figura 2 – Tipologia 2×2 proposta para o teste empírico da desconexão profissional-pessoal



Nota: a tipologia é heurística e passível de falseamento e não prediz o número de perfis que deverá emergir empiricamente; como os dois eixos são contínuos e multidimensionais, o teste empírico deve empregar métodos centrados na pessoa, como a análise de perfis latentes, e não dicotomizações arbitrárias.

Fonte: elaborada pelo autor (2026).

Na Figura 2, o eixo horizontal representa a preservação dos recursos extralaborais e o vertical, o funcionamento profissional. A DPP ocupa o quadrante superior esquerdo, enquanto o *burnout* com comprometimento da eficácia, nos modelos que incluem essa dimensão, tende a situar-se nos quadrantes inferiores. A figura não pressupõe pontos de corte: a posição de cada profissional é contínua, e os limites entre os quadrantes devem emergir empiricamente. Não se espera, portanto, que surjam exatamente quatro classes.

Operacionalização, hipóteses e critérios de falseamento

A DPP não deve ser operacionalizada por um ponto de corte único e arbitrário nem por uma escala própria. Um primeiro teste mais robusto empregaria análise de perfis latentes ou agrupamento centrado na pessoa a partir de domínios validados de forma independente. Essa técnica já está consolidada na pesquisa sobre *burnout* (Leiter; Maslach, 2016; Moeller et al., 2018); a extensão proposta está nos indicadores

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

incluídos no modelo, e não no método. Uma bateria mínima de mensuração poderia incluir: funcionamento profissional, por indicadores múltiplos (capacidade para o trabalho, desempenho no papel, avaliação externa quando possível, erros ou indicadores de segurança, absenteísmo, presenteísmo e esforço necessário para manter o desempenho); recuperação, pelo REQ; interferência do trabalho na vida pessoal, por medida de interferência trabalho-não trabalho (Fisher; Bulger; Smith, 2009) ou pelo SWING (Geurts et al., 2005); e recursos sociais e relacionais, por medida validada de solidão, apoio social percebido ou participação social, analisados como subdomínios. Sempre que possível, devem ser acrescentados indicadores objetivos ou semiobjetivos, como horas trabalhadas, controle sobre a jornada, horas extras e volume de prescrições, bem como dados de informantes externos, como parceiros ou familiares, e medidas ecológicas de uso do tempo, como diários ou avaliação ecológica momentânea.

Os desfechos de validação devem ser externos aos indicadores que definem a configuração. Recuperação e interferência trabalho-não trabalho entram como indicadores de formação do perfil e não podem servir, simultaneamente, como critérios de sua validade, sob pena de circularidade. Desfechos candidatos incluem sintomas posteriores de saúde mental, medidos, por exemplo, pelo Patient Health Questionnaire-9 (PHQ-9) e pelo Generalized Anxiety Disorder-7 (GAD-7), desempenho aferido externamente, intenção de rotatividade e rotatividade efetiva, incapacidade laboral e satisfação com a vida.

Funcionamento profissional e engajamento no trabalho devem ser mantidos separados nessa bateria. O funcionamento refere-se à capacidade conservada e ao desempenho do papel, ao passo que o engajamento é um estado motivacional definido por vigor, dedicação e absorção (Schaufeli et al., 2002). Confundi-los tornaria a configuração parcialmente circular, porque o engajamento elevado pode ser um dos mecanismos pelos quais os recursos extralaborais se esgotam, e não a prova de que o polo profissional está preservado. Propõem-se, assim, a capacidade para o trabalho e o desempenho no papel como marcadores definidores do polo profissional, mantendo-se o engajamento como covariável e antecedente candidato, e não como critério.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

A emergência de uma classe compatível com a DPP em análise de perfis latentes não constituirá, isoladamente, evidência de validade, pois a inclusão de novos indicadores tende a produzir novas configurações e as soluções variam com a amostra, as escalas e a parametrização. Recomenda-se definir a priori os critérios de retenção de classes, como o critério de informação de Akaike (AIC), o critério de informação bayesiano (BIC) e o BIC ajustado, o teste de razão de verossimilhança por *bootstrap* (BLRT), a entropia e o tamanho mínimo de classe (Nylund; Asparouhov; Muthén, 2007), bem como a replicação em amostra independente, a análise de desfechos distais, a avaliação de invariância entre contextos profissionais e, em estudos longitudinais, a análise de transição latente (Collins; Lanza, 2010).

Os critérios de avaliação da proposta organizam-se em cinco níveis hierárquicos. O primeiro é a existência configuracional: o perfil previsto emerge de forma replicável? Sua não emergência em amostras adequadas e independentes refutaria a proposta. O segundo é a validade discriminante: a configuração distingue-se do perfil sobrecarregado e da simples combinação de construtos existentes? Caso contrário, a DPP deveria ser abandonada como denominação independente. O terceiro é a validade incremental: a configuração prediz desfechos externos além dos construtos concorrentes? A ausência de validade incremental tornaria a denominação dispensável, ainda que o perfil exista. O quarto é a validade externa: a configuração se replica em farmacêuticos de diferentes cenários e em outras profissões de saúde? Resultados restritos a um contexto limitariam o alcance da proposta, sem necessariamente refutá-la. O quinto é a dinâmica temporal: a configuração é estável, transitória ou estágio de uma trajetória? Baixa estabilidade individual ao longo do tempo não refuta a DPP, pois é compatível com sua conceituação como estado de transição. As principais previsões derivadas desse arcabouço estão formalizadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Hipóteses propostas para estudos futuros de validação da DPP

Hipótese	Enunciado	Nível de avaliação
H1	Modelos centrados na pessoa que incluam indicadores extralaborais identificarão uma configuração empiricamente distinguível do perfil sobrecarregado definido apenas por indicadores ocupacionais.	Existência e validade discriminante

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

Hipótese	Enunciado	Nível de avaliação
H2	A configuração predirá desfechos externos à sua definição (saúde mental, desempenho aferido externamente, rotatividade, incapacidade laboral e satisfação com a vida) além do que é explicado por *burnout*, interferência trabalho-não trabalho e recuperação.	Validade incremental
H3	Profissionais na configuração DPP relatarão maior esforço necessário para manter o desempenho do que profissionais em integração sustentável com desempenho equivalente.	Validade discriminante (funcionamento compensado)
H4	Em delineamentos longitudinais, a DPP funcionará com maior frequência como estado de transição entre integração sustentável e desgaste global do que como perfil estável.	Dinâmica temporal
H5	A depleção extralaboral autorrelatada convergirá com relatos de parceiros ou familiares e com medidas ecológicas de uso do tempo.	Validade convergente multi-informante

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

Implicações para a organização do trabalho e a saúde coletiva

As evidências sustentam uma conclusão ampla, mas não uma sequência causal: as demandas ocupacionais de farmacêuticos associam-se repetidamente ao *burnout* e também ao desequilíbrio entre trabalho e vida pessoal, à recuperação reduzida e à tensão relacional. A novidade da DPP não está, portanto, na constatação de que o trabalho afeta a vida fora dele, já bem estabelecida, mas na possibilidade de tornar visível uma assimetria entre domínios, na qual o funcionamento profissional prossegue enquanto os recursos extralaborais se desgastam. Assim formulada, a DPP não é primordialmente um rótulo de vulnerabilidade individual; é uma hipótese sobre como a organização do trabalho pode redistribuir tempo, energia e recursos relacionais entre os domínios profissional e pessoal.

Os achados de gênero têm implicações práticas. A farmácia comunitária costuma ser descrita como potencialmente compatível com a vida familiar, mas evidências qualitativas e transversais recentes mostram que restrições de horário, horas extras, responsabilidades domésticas e desigualdades de carreira podem moldar de forma desproporcional a experiência das mulheres (Gidman et al., 2007; Videira; Machado; Cavaco, 2026). Pesquisas futuras devem testar interações com o gênero, e não apenas ajustar as análises por sexo.

As evidências regionais também importam, porque as condições ocupacionais são moldadas pela organização do sistema de saúde, pelos arranjos de trabalho e pelos papéis profissionais locais. Os dados de farmácia hospitalar brasileira mostram que o *burnout* e seus correlatos organizacionais não se limitam aos sistemas anglo-

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

americanos de alta renda (Moraes; Novaes; Mosca, 2024), e os dados de Porto Rico evidenciam diferenças por gênero e por atuação em redes (Silva-Suarez et al., 2026). Contudo, os estudos da América Latina e do Caribe raramente avaliam em conjunto transbordamento, recuperação, pertencimento e depleção de recursos sociais. Isso desenha uma agenda específica para o Brasil: relacionar dimensionamento de pessoal, carga de trabalho, controle da jornada, reconhecimento e organização dos serviços à recuperação e à participação familiar e social, testando se o desempenho profissional pode permanecer preservado apesar da deterioração fora do trabalho.

A DPP também deve ser mantida separada de conceitos vizinhos sobre o sofrimento de profissionais de saúde. A literatura sobre a segunda vítima trata do sofrimento após incidentes de segurança do paciente, e o dano moral diz respeito à transgressão ou à obstrução de compromissos morais profundos. Ambos mostram que o *burnout* pode ser um rótulo amplo demais, mas nenhum equivale à DPP (Dean; Talbot; Dean, 2019; Wu, 2000), que é especificamente um padrão de alocação de recursos e de funcionamento entre domínios.

Decorre daí uma implicação prática importante: organizações e serviços de saúde não devem usar a assiduidade ou a produtividade como indicadores de bem-estar. Um farmacêutico pode permanecer confiável e clinicamente funcional enquanto sacrifica recuperação, relações ou participação social. A prevenção exige, portanto, indicadores e intervenções organizacionais, como dimensionamento adequado de pessoal, carga de trabalho administrável, controle da jornada, pausas protegidas, autonomia e reconhecimento, ao lado do apoio individual. Na perspectiva da saúde coletiva, essas são condições de trabalho e de produção do cuidado, e não meras variáveis de enfrentamento pessoal; treinamentos de resiliência, isoladamente, não compensam um desenho de trabalho persistentemente inadequado. No contexto brasileiro, esses indicadores dialogam diretamente com o gerenciamento de riscos psicossociais previsto no capítulo 1.5 da NR-1 (Brasil, 2024, 2026): um inventário de riscos que se limite a absenteísmo e afastamentos tenderá a não captar justamente o perfil aqui descrito, em que o profissional permanece em atividade enquanto os recursos fora do trabalho se deterioram.

O referencial proposto é deliberadamente conservador. A DPP ainda não é uma configuração validada e não deve figurar em documentação clínica, codificação

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

diagnóstica ou estimativas de prevalência. Seu uso imediato é heurístico: gerar hipóteses testáveis, aprimorar o desenho da mensuração e estimular a avaliação simultânea dos domínios do trabalho e da vida fora dele.

Agenda de pesquisa e limitações

Sete frentes de pesquisa decorrem desta síntese: estudos centrados na pessoa que verifiquem, antes de tudo, se a configuração emerge de forma replicável, sem pressupor o número de classes; coortes prospectivas que abranjam o início, o meio e o fim da carreira, com medidas repetidas de capacidade para o trabalho, esforço compensatório, *burnout*, recuperação, interferência trabalho-não trabalho e recursos sociais; análises de transição latente que testem se a DPP funciona como estado de transição entre integração sustentável e desgaste global; estudos no Brasil, na América Latina e no Caribe que articulem organização do trabalho, contexto dos serviços, recuperação, pertencimento, participação social e desfechos familiares e relacionais, em farmácias comunitárias e hospitalares; análises estratificadas e de interação por gênero, contemplando trabalho doméstico não remunerado, controle da jornada e progressão na carreira; estudos de validade incremental que comparem a configuração com *burnout*, interferência trabalho-não trabalho, recuperação, *workaholism*, presenteísmo e empregabilidade sustentável, com desfechos externos à sua definição; e estudos de intervenção organizacional voltados a dimensionamento de pessoal, carga de trabalho, pausas, previsibilidade de horários, autonomia e reconhecimento.

Uma força deste artigo é a integração, no plano dos construtos, entre farmácia, psicologia ocupacional e ciência da recuperação, com critérios explícitos de falseamento em vez da apresentação da DPP como entidade estabelecida. A principal limitação é a estratégia narrativa e intencional de identificação das evidências: a revisão não é exaustiva e não permite estimar prevalência agrupada, sintetizar formalmente o risco de viés nem graduar a certeza da evidência. A maioria dos estudos com farmacêuticos é transversal e sujeita a autosseleção e a viés de método comum, e as definições de *burnout* permanecem heterogêneas. A base de evidências é geograficamente desigual, e ainda é limitada a mensuração direta de solidão, isolamento social, diversificação da identidade e trajetórias de recuperação de longo

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

prazo. Por se tratar de manuscrito de autoria única, a interpretação e a priorização dos estudos podem refletir o julgamento do autor, limitação que deve ser enfrentada em futuros trabalhos de validação sistemática conduzidos por revisores independentes. O relato orientado pelo SANRA e o exame das evidências potencialmente contrárias mitigam, mas não eliminam, o risco de viés de seleção, e a ausência de registro auditável de parte dos parâmetros operacionais da busca limita sua reprodutibilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sofrimento ocupacional de farmacêuticos ultrapassa o *burnout*. Em diferentes cenários de prática, carga de trabalho, jornadas longas, problemas de dimensionamento de pessoal, baixo reconhecimento e pior equilíbrio entre trabalho e vida pessoal coexistem com recuperação reduzida, sofrimento psíquico e tensão na vida social ou pessoal. A desconexão profissional-pessoal é proposta como configuração hipotética que descreve uma assimetria específica: o funcionamento profissional permanece relativamente preservado, enquanto a recuperação, os recursos relacionais e a integração da vida pessoal se reduzem.

A DPP não é diagnóstico e não deve ser usada clínica ou epidemiologicamente antes de demonstrar existência replicável e validade discriminante, incremental e longitudinal; somente então seria possível discutir sua eventual evolução para um construto mais autônomo. Sua relevância para a saúde coletiva está em dirigir a atenção para o modo como a organização do trabalho pode sustentar o desempenho enquanto transfere custos para a vida fora dele. Estudos no Brasil, na América Latina e no Caribe devem testar essa possibilidade longitudinalmente, examinando as condições organizacionais ao lado dos desfechos individuais. O valor da proposta está em formular uma pergunta que a pesquisa convencional sobre *burnout* tende a não fazer: não apenas se o farmacêutico ainda funciona no trabalho, mas quais recursos pessoais podem estar sendo consumidos para manter esse funcionamento.

DECLARAÇÕES

Financiamento: esta pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

Conflito de interesses: o autor atua como empresário no varejo farmacêutico e preside associação regional do comércio varejista farmacêutico. Declara que essas atividades não influenciaram a seleção das evidências, sua interpretação nem as conclusões deste trabalho.

Aspectos éticos: não se aplica. O manuscrito sintetiza literatura publicada e propõe um referencial conceitual, sem participação de seres humanos nem coleta de dados identificáveis.

Uso de inteligência artificial: ferramentas de inteligência artificial foram utilizadas exclusivamente como apoio à revisão linguística, à tradução e à formatação. A verificação das fontes, a interpretação da literatura, as decisões conceituais e a responsabilidade integral pelo conteúdo são do autor.

REFERÊNCIAS

ALKUDSI, Z. S. et al. Mental health, burnout and resilience in community pharmacists during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional study. **Saudi Pharmaceutical Journal**, v. 30, n. 7, p. 1009-1017, 2022. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jsps.2022.04.015.

ASSEFA, A. N. et al. Quality of work life and related factors among community pharmacists in Northwest Amhara, Ethiopia: multi-centered cross-sectional study. **Scientific Reports**, v. 15, 27631, 2025. DOI: https://doi.org/10.1038/s41598-025-02336-w.

BAETHGE, C.; GOLDBECK-WOOD, S.; MERTENS, S. SANRA: a scale for the quality assessment of narrative review articles. **Research Integrity and Peer Review**, v. 4, 5, 2019. DOI: https://doi.org/10.1186/s41073-019-0064-8.

BAKKER, A. B.; DEMEROUTI, E. The Job Demands-Resources model: state of the art. **Journal of Managerial Psychology**, v. 22, n. 3, p. 309-328, 2007. DOI: https://doi.org/10.1108/02683940710733115.

BAKKER, A. B.; DEMEROUTI, E.; SANZ-VERGEL, A. Job Demands-Resources theory: ten years later. **Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior**, v. 10, p. 25-53, 2023. DOI: https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-120920-053933.

BALAYSSAC, D. et al. Burnout, associated comorbidities and coping strategies in French community pharmacies: BOP study. **PLoS ONE**, v. 12, n. 8, e0182956, 2017. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0182956.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Portaria MTE nº 1.419, de 27 de agosto de 2024**. Aprova a nova redação do capítulo "1.5 Gerenciamento de riscos ocupacionais" da Norma Regulamentadora nº 1. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2024.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Portaria MTE nº 765, de 15 de maio de 2025**. Prorroga o prazo de início de vigência da nova redação do capítulo "1.5 Gerenciamento de riscos ocupacionais" da Norma Regulamentadora nº 1. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 maio 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Manual de interpretação e aplicação do capítulo 1.5 da NR-1**: gerenciamento de riscos ocupacionais. Brasília, DF: MTE, 2026.

CHEE, P. Y. et al. The stress, satisfaction and fulfilment of early career pharmacists: a qualitative analysis of a survey on their professional and personal lives. **International Journal of Pharmacy Practice**, v. 31, n. 2, p. 250-256, 2023. DOI: https://doi.org/10.1093/ijpp/riad004.

COLLINS, L. M.; LANZA, S. T. **Latent class and latent transition analysis**: with applications in the social, behavioral, and health sciences. Hoboken: Wiley, 2010.

DEAN, W.; TALBOT, S.; DEAN, A. Reframing clinician distress: moral injury not burnout. **Federal Practitioner**, v. 36, n. 9, p. 400-402, 2019.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. The "what" and "why" of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. **Psychological Inquiry**, v. 11, n. 4, p. 227-268, 2000. DOI: https://doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01.

DEE, J.; DHUHAIBAWI, N.; HAYDEN, J. C. A systematic review and pooled prevalence of burnout in pharmacists. **International Journal of Clinical Pharmacy**, v. 45, n. 5, p. 1027-1036, 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s11096-022-01520-6.

FADARE, O. O.; ANDRESKI, M.; WITRY, M. J. Validation of the Copenhagen Burnout Inventory in pharmacists. **Innovations in Pharmacy**, v. 12, n. 2, art. 4, 2021. DOI: https://doi.org/10.24926/iip.v12i2.3699.

FISHER, G. G.; BULGER, C. A.; SMITH, C. S. Beyond work and family: a measure of work/nonwork interference and enhancement. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 14, n. 4, p. 441-456, 2009. DOI: https://doi.org/10.1037/a0016737.

FLORIANO, J. F. Saúde mental ocupacional em farmácias comunitárias brasileiras: implementação da NR-1 e o paradoxo regulatório da proteção social. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 13, n. 15, p. 1-35, 2026. DOI: https://doi.org/10.66104/qrpwgj07.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

GEURTS, S. A. E. et al. Work-home interaction from a work psychological perspective: development and validation of a new questionnaire, the SWING. **Work & Stress**, v. 19, n. 4, p. 319-339, 2005. DOI: https://doi.org/10.1080/02678370500410208.

GIDMAN, W. K. et al. Does community pharmacy offer women family-friendly working conditions and equal opportunities? The accounts of female community pharmacists over the age of 30. **International Journal of Pharmacy Practice**, v. 15, n. 1, p. 53-59, 2007. DOI: https://doi.org/10.1211/ijpp.15.1.0009.

GREENHAUS, J. H.; BEUTELL, N. J. Sources of conflict between work and family roles. **Academy of Management Review**, v. 10, n. 1, p. 76-88, 1985. DOI: https://doi.org/10.5465/amr.1985.4277352.

GREENHAUS, J. H.; POWELL, G. N. When work and family are allies: a theory of work-family enrichment. **Academy of Management Review**, v. 31, n. 1, p. 72-92, 2006. DOI: https://doi.org/10.5465/amr.2006.19379625.

GUBBINS, P. O. et al. Family commitment and work characteristics among pharmacists. **Pharmacy**, v. 3, n. 4, p. 386-398, 2015. DOI: https://doi.org/10.3390/pharmacy3040386.

HIGUCHI, Y. et al. A cross-sectional study of psychological distress, burnout, and the associated risk factors in hospital pharmacists in Japan. **BMC Public Health**, v. 16, 534, 2016. DOI: https://doi.org/10.1186/s12889-016-3208-5.

HOBFOLL, S. E. Conservation of resources: a new attempt at conceptualizing stress. **American Psychologist**, v. 44, n. 3, p. 513-524, 1989. DOI: https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.3.513.

HOCKEY, G. R. J. Compensatory control in the regulation of human performance under stress and high workload: a cognitive-energetical framework. **Biological Psychology**, v. 45, n. 1-3, p. 73-93, 1997. DOI: https://doi.org/10.1016/S0301-0511(96)05223-4.

HUNSLEY, J.; MEYER, G. J. The incremental validity of psychological testing and assessment: conceptual, methodological, and statistical issues. **Psychological Assessment**, v. 15, n. 4, p. 446-455, 2003. DOI: https://doi.org/10.1037/1040-3590.15.4.446.

JARVIS, C. B.; MACKENZIE, S. B.; PODSAKOFF, P. M. A critical review of construct indicators and measurement model misspecification in marketing and consumer research. **Journal of Consumer Research**, v. 30, n. 2, p. 199-218, 2003. DOI: https://doi.org/10.1086/376806.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

JOHNS, G. Presenteeism in the workplace: a review and research agenda. **Journal of Organizational Behavior**, v. 31, n. 4, p. 519-542, 2010. DOI: https://doi.org/10.1002/job.630.

JOHNSTON, K. et al. Burnout and the challenges facing pharmacists during COVID-19: results of a national survey. **International Journal of Clinical Pharmacy**, v. 43, n. 3, p. 716-725, 2021. DOI: https://doi.org/10.1007/s11096-021-01268-5.

JONES, G. M. et al. Factors associated with burnout among US hospital clinical pharmacy practitioners: results of a nationwide pilot survey. **Hospital Pharmacy**, v. 52, n. 11, p. 742-751, 2017. DOI: https://doi.org/10.1177/0018578717732339.

LANGRAN, C. et al. "I'm at breaking point": exploring pharmacists' resilience, coping and burnout during the COVID-19 pandemic. **Exploratory Research in Clinical and Social Pharmacy**, v. 5, 100104, 2022. DOI: https://doi.org/10.1016/j.rcsop.2022.100104.

LE, H. et al. The problem of empirical redundancy of constructs in organizational research: an empirical investigation. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 112, n. 2, p. 112-125, 2010. DOI: https://doi.org/10.1016/j.obhdp.2010.02.003.

LEITER, M. P.; MASLACH, C. Latent burnout profiles: a new approach to understanding the burnout experience. **Burnout Research**, v. 3, n. 4, p. 89-100, 2016. DOI: https://doi.org/10.1016/j.burn.2016.09.001.

LYNCH, M.; O'LEARY, A. C. Understanding the factors influencing community pharmacist retention: a qualitative study. **Exploratory Research in Clinical and Social Pharmacy**, v. 12, 100329, 2023. DOI: https://doi.org/10.1016/j.rcsop.2023.100329.

MEIJMAN, T. F.; MULDER, G. Psychological aspects of workload. In: DRENTH, P. J. D.; THIERRY, H.; WOLFF, C. J. de (ed.). **New handbook of work and organizational psychology**: v. 2: work psychology. Hove: Psychology Press, 1998. p. 5-34.

MOELLER, J. et al. Highly engaged but burned out: intra-individual profiles in the US workforce. **Career Development International**, v. 23, n. 1, p. 86-105, 2018. DOI: https://doi.org/10.1108/CDI-12-2016-0215.

MOHAMMED, H. A. et al. Use of the job demands-resource model to understand community pharmacists' burnout during the COVID-19 pandemic. **Research in Social and Administrative Pharmacy**, v. 18, n. 9, p. 3568-3579, 2022. DOI: https://doi.org/10.1016/j.sapharm.2022.03.011.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

MORAES, H. M.; NOVAES, M. R.; MOSCA, C. O. The impact of COVID-19 on emotional exhaustion: depersonalization and self-perceived low performance among hospital pharmacists in Brazil. **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde**, v. 15, n. 1, e1028, 2024. DOI: https://doi.org/10.30968/rbfhss.2024.151.1028.

MOTT, D. A. et al. Pharmacists' attitudes toward worklife: results from a national survey of pharmacists. **Journal of the American Pharmacists Association**, v. 44, n. 3, p. 326-336, 2004. DOI: https://doi.org/10.1331/154434504323063968.

NADI, S. et al. Are chain pharmacy work system characteristics associated with work-life outcomes? A national study. **Journal of the American Pharmacists Association**, v. 66, n. 4, 103024, 2026. DOI: https://doi.org/10.1016/j.japh.2026.103024.

NETEMEYER, R. G.; BOLES, J. S.; MCMURRIAN, R. Development and validation of work-family conflict and family-work conflict scales. **Journal of Applied Psychology**, v. 81, n. 4, p. 400-410, 1996. DOI: https://doi.org/10.1037/0021-9010.81.4.400.

NYLUND, K. L.; ASPAROUHOV, T.; MUTHÉN, B. O. Deciding on the number of classes in latent class analysis and growth mixture modeling: a Monte Carlo simulation study. **Structural Equation Modeling**, v. 14, n. 4, p. 535-569, 2007. DOI: https://doi.org/10.1080/10705510701575396.

OOI, K. L. et al. Empowering sustainable growth and workforce: unveiling challenges and strategies for retaining community pharmacists in Malaysia. **Pharmacy**, v. 11, n. 5, 163, 2023. DOI: https://doi.org/10.3390/pharmacy11050163.

PATEL, S. K. et al. Prevalence and risk factors of burnout in community pharmacists. **Journal of the American Pharmacists Association**, v. 61, n. 2, p. 145-150, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.japh.2020.09.022.

SCHAUFELI, W. B. et al. The measurement of engagement and burnout: a two sample confirmatory factor analytic approach. **Journal of Happiness Studies**, v. 3, p. 71-92, 2002. DOI: https://doi.org/10.1023/A:1015630930326.

SCHAUFELI, W. B.; SHIMAZU, A.; TARIS, T. W. Being driven to work excessively hard: the evaluation of a two-factor measure of workaholism in The Netherlands and Japan. **Cross-Cultural Research**, v. 43, n. 4, p. 320-348, 2009. DOI: https://doi.org/10.1177/1069397109337239.

SIEGRIST, J. Adverse health effects of high-effort/low-reward conditions. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 1, n. 1, p. 27-41, 1996. DOI: https://doi.org/10.1037/1076-8998.1.1.27.

CC BY

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 19/08/2026 - **Accepted:** 21/09/2026
Vol: 13.20
DOI: 10.66104/m5bc1428
Pages: 1-35

SILVA-SUAREZ, G. et al. Stress, burnout, contributions, and coping mechanisms of community pharmacists in Puerto Rico during the COVID-19 pandemic. **Puerto Rico Health Sciences Journal**, v. 45, n. 1, p. 34-41, 2026.

SOLEIMANI, E. et al. Work-life balance and health among pharmacists: physical activity, sleep quality, and general health. **BMC Health Services Research**, v. 24, n. 1, 1217, 2024. DOI: https://doi.org/10.1186/s12913-024-11701-w.

SONNENTAG, S.; FRITZ, C. The Recovery Experience Questionnaire: development and validation of a measure for assessing recuperation and unwinding from work. **Journal of Occupational Health Psychology**, v. 12, n. 3, p. 204-221, 2007. DOI: https://doi.org/10.1037/1076-8998.12.3.204.

VAN DER KLINK, J. J. L. et al. Sustainable employability: definition, conceptualization, and implications: a perspective based on the capability approach. **Scandinavian Journal of Work, Environment & Health**, v. 42, n. 1, p. 71-79, 2016. DOI: https://doi.org/10.5271/sjweh.3531.

VIDEIRA, R.; MACHADO, S.; CAVACO, A. Work-life balance satisfaction and gender equity within Portuguese community pharmacies staff: findings from a cross-sectional study. **International Journal of Pharmacy Practice**, v. 34, n. 1, p. 20-26, 2026. DOI: https://doi.org/10.1093/ijpp/riaf074.

WALKER, K. et al. Pharmacist perceptions of motivation and well-being using self-determination theory: a qualitative study. **Journal of the American Pharmacists Association**, v. 65, n. 2, 102321, 2025. DOI: https://doi.org/10.1016/j.japh.2024.102321.

WEICHEL, C.; LEE, J. S.; LEE, J. Y. Burnout among hospital pharmacists: prevalence, self-awareness, and preventive programs in pharmacy school curricula. **Canadian Journal of Hospital Pharmacy**, v. 74, n. 4, p. 309-316, 2021. DOI: https://doi.org/10.4212/cjhp.v74i4.3192.

WESTMAN, M. Stress and strain crossover. **Human Relations**, v. 54, n. 6, p. 717-751, 2001. DOI: https://doi.org/10.1177/0018726701546002.

WORLEY, M. M.; WU, A. C.; CERNASEV, A. Community pharmacists' perceptions of their work-related quality-of-life: implications for pharmacists' well-being, compassionate patient care, and relationships. **Research in Social and Administrative Pharmacy**, v. 22, n. 4, p. 574-580, 2026. DOI: https://doi.org/10.1016/j.sapharm.2025.12.013.

WU, A. W. Medical error: the second victim. **BMJ**, v. 320, n. 7237, p. 726-727, 2000. DOI: https://doi.org/10.1136/bmj.320.7237.726.

CC BY